

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Exterminismo e Luta de Classe em E. P. Thompson: primeiras reflexões.

Ricardo Gaspar Müller.

Cita:

Ricardo Gaspar Müller (2009). *Exterminismo e Luta de Classe em E. P. Thompson: primeiras reflexões*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/934>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Exterminismo e Luta de Classe em E. P. Thompson: primeiras reflexões

Ricardo Gaspar Müller
Dept°. de Sociologia e C. Política
Programa de Pós-graduação em Sociologia Política ,
UFSC, Florianópolis, Brasil
rgmuller@superig.com.br

A partir de 1980, E. P. Thompson interrompe sua pesquisa histórica básica e, ao lado de antigos companheiros, partilha a liderança de um movimento político internacional de caráter pacifista. Seu objetivo na Campanha pelo Desarmamento Nuclear Europeu (END), fundada em abril de 1980, era reverter as bases e decisões da Conferência de Yalta, afastar e reduzir a influência de ambas as superpotências sobre o continente europeu e romper o ciclo de militarização imposto sobre a população.

Thompson torna-se um *expert* em assuntos militares, recorrendo às ferramentas conceituais da história social para estudar um novo conjunto de conceitos nos campos da tecnologia militar e de temas estratégicos. Nesse movimento, em 1980, Thompson propõe a categoria *exterminismo*: era

necessária uma nova atitude teórica e política para apreender as violentas transformações do processo histórico, acompanhadas pela formação de um novo *objeto*, com características irracionais, que poderia *exterminar* a população mundial.

Thompson acreditava a ameaça do exterminismo colocava a oportunidade de os europeus redefinirem seu sentido de identidade coletiva, sua própria percepção e a de seu futuro ao longo do processo. O que custaria para reunificar a Europa? Que modelos de sistemas sociais escolheriam os europeus se diminuísse ou acabasse a influência de ambas as superpotências sobre a Europa? Ao lado de seus companheiros, Thompson sensibilizou a opinião pública para além das preocupações usuais sobre mísseis e foguetes, na direção de um debate mais amplo envolvendo questões políticas básicas relativas ao período pós-guerra. Thompson buscava formas de organização e estratégias de resistência às correntes políticas dominantes da era da guerra fria. Em suas propostas rejeitava o jogo maniqueísta “ou-ou” alimentado pela rivalidade Leste-Oeste e que, nesse contexto, obrigava a maioria dos Estados a assumir posições, bloqueando qualquer ‘terceira via’ (Thompson, 1985, p. 245).

De fato, se o fim da guerra fria alterou dramaticamente o cenário e as perspectivas históricas poderíamos afirmar que, na atual conjuntura, houve uma efetiva superação da rivalidade bipolar, e/ou de suas premissas, e de uma paz militarizada que caracterizou o período definido como de guerra fria? Que novas condições existem nas relações internacionais, na política mundial? Como explicar a transformação desse processo e a natureza da violência social contemporânea, em suas diferentes expressões? Como, nessa perspectiva, a reavaliação da categoria *exterminismo*, e de seus fundamentos, contribui para novas questões e pesquisas?

Vivemos um momento adequado para rever e atualizar as idéias de Thompson e as plataformas dos movimentos pacifistas de que participou. Suas perguntas e propostas (sobretudo as de natureza antiexterminista) adquirem um sentido renovado e maior relevância. Thompson procurou, pensar um novo mundo, *além e depois* da guerra fria, e mostrar como uma nova ordem mundial poderia existir e funcionar, em função dos esforços *conjuntos* de cidadãos e estadistas. Afinal, à medida que essa arena global se abre a novos alinhamentos e conflitos, antes inexistentes devido à dissuasão, ou ao equilíbrio do terror bipolar, formam-se, ao mesmo tempo, espaços para uma nova sensibilidade política, mas também para novas tensões e ameaças. Com base em suas reflexões, procuramos estudar o *aparente* caráter irracional do objeto e refazer um apelo à Razão.

Na perspectiva de Thompson (1982, p. 10-11), a situação de conflito internacional dependia do antagonismo e da retórica dos irreconciliáveis sistemas militares e industriais dos dois blocos. Cada um, afirma, “deve ser motivado, em sua natureza inerente, pelo desejo de vencer o outro. Só o temor mútuo de dissuasão poderia adiar uma confrontação total”.

Essa seria a lógica de reprodução da guerra fria e da corrida armamentista. Thompson (1982, p. 14-16) acredita que, no Ocidente, a culpa caberia à supremacia norte-americana e à falta de vontade de seus satélites europeus em rejeitar essa situação. Segundo ele, a diplomacia norte-americana valia-se muito de seu poder de veto, respaldada em seu poderio militar, o que impedia qualquer dissenso por parte dos países europeus.

Thompson demonstra como a guerra fria operava com uma dinâmica própria, uma lógica interna e um conjunto específico de argumentos, o que ocultava o forte interesse dos Estados envolvidos em sua continuidade. Thompson (1982, p. 17) percebe que a *reciprocidade* das relações entre Estados Unidos e União Soviética era fundamental a essa lógica, um contexto no qual uma forma de ação antagônica deveria ser sistematicamente igualada pelo antagonismo da resposta. Esse procedimento seria determinante para que “os estabelecimentos militares e de segurança fossem auto-reprodutivos”. Thompson (1982a, p. 332) esclarece que não propõe uma **identidade entre os blocos**, mas sim sua **reciprocidade**: a interação dos blocos criava um “problema nuclear” internacional e uma situação de equivalência entre eles.

Muitos militantes na Inglaterra, ativos na campanha pelo desarmamento unilateral, chegaram à conclusão, nos anos de 1980, que havia um problema central na balança de poder. As evidências demonstravam que nenhum dos blocos em antagonismo poderia “ganhar uma guerra”. A luta definia-se em outro patamar, concentrando-se no questionamento e enfraquecimento do processo e de suas premissas ideológicas..

O programa da END propunha um novo radicalismo popular para enfrentar as motivações da guerra fria e o *status quo*. Seu projeto era o de avaliar e estabelecer a autonomia da Europa e garantir as condições de sua manutenção. Naquele momento, o movimento considerava o cenário do teatro europeu como um todo, ocupando uma posição única, pois oferecia pontos de acesso para um processo de deslegitimação da guerra fria a partir da própria arena entre União Soviética e Estados Unidos.

Uma das principais contribuições de Thompson nos debates sobre a guerra fria – e contra a corrida armamentista, a ameaça nuclear e em nome da organização de grupos e movimentos pacifistas – foi o ensaio *Protest and Survive*, de 1980, em resposta ao documento do governo conservador inglês, *Protect and Survive*, sobre como se proteger no caso de um ataque nuclear.

Nessa publicação – patrocinada pela Bertrand Russell Peace Foundation e pela CND –Thompson (1980a) antevê a Europa como o teatro da paz e não de guerra, em função da pressão popular democrática. Mas para esse resultado seria necessária uma *détente* internacional que assegurasse um

futuro independente do sistema de guerra: uma vez definida uma estratégia, as contradições do papel da Europa na guerra fria seriam usadas contra Washington e Moscou.

A construção dessa estratégia incentivou várias formas de resistência popular, pois, para Thompson, a política da guerra fria se estruturava de tal maneira que a idéia de *exterminio* da sociedade era perfeitamente coerente com a lógica do processo.

Percebendo a existência de “uma dinâmica interna e de uma lógica recíproca que requerem uma nova categoria de análise”, Thompson (1982a, p. 4-5) elabora o conceito de *exterminismo*.

Tal como pensada por Thompson, a categoria de exterminismo se baseia na dinâmica do sistema de armamentos predominante na guerra fria. Embora pareça um movimento racional, no qual os agentes participantes tomam decisões aparentemente racionais, no âmago do processo opera uma lógica perversa, um sistema de autogeração e um estado generalizado de inércia na direção da destruição total. Por exemplo, era necessária a crítica ao princípio de estratégia militar ironicamente denominado MAD (*Mutual Assured Destruction*), “Destruição Mútua Assegurada”.

Os sistemas correspondentes a esses blocos são complexos militares e industriais que a população civil é induzida a sustentar (por meio de investimentos, impostos, quotas de trabalho, etc.). Nessa lógica perversa, o processo político serviria tão-somente para legitimar e justificar sua própria reprodução. Para reproduzir o sistema, as elites governantes, segundo Thompson (1982a, p. 22), “(precisam) de uma situação permanente de guerra, de modo a legitimar sua dominação, seus privilégios e prioridades; para silenciar o dissenso, exercer a disciplina social e desviar a atenção da evidente irracionalidade da operação”. Thompson e militantes da END, como Mary Kaldor e Dan Smith, acreditavam que os blocos de poder em conflito temiam que posições não-alinhadas ganhassem credibilidade popular.

O ensaio de Thompson (Thompson, 1982a, p. 1-33) “Notes on Exterminism, the last stage of civilization” foi alvo de muitas críticas. Além das advindas das posições mais conservadoras, muitos intelectuais marxistas consideraram problemática sua intervenção. Nesse sentido, a coletânea *Exterminism and Cold War* (1982a) publicou, além do referido ensaio, colaborações de Raymond Williams, Rudolf Bahro, Mike Davis, Noam Chomsky, entre outros. A convite da editora, New Left Books/Verso, Thompson também escreveu um artigo com a síntese das colaborações e uma resposta às críticas.

Raymond Williams (1982a, p. 65-85), em “The Politics of Nuclear Disarmament”, por exemplo, questionou a noção de exterminismo por considerar que ela confundia a análise socialista e dificultava a organização de uma estratégia coletiva. Considerava, ainda, que o exterminismo supõe um

determinismo tecnológico e prejudica um exame aberto das relações sociais e econômicas implícitas na corrida armamentista.

Williams (1982a, p. 65-85) reprovava as teses de Thompson e as considera um desvio dos postulados do humanismo socialista, o que atribuía à compreensão de Thompson sobre as características tecnológicas da corrida armamentista. Para Williams, Thompson teria abandonado os critérios socialistas em uma tentativa desesperada para combater a possibilidade exterminista da guerra fria, como o de colocar “a Bomba” no centro do processo histórico e desqualificar o papel da luta de classes na dinâmica da história. Além disso, o fato de isolar a Europa como centro catalisador do teatro de guerra, acabava por ignorar ou reduzir a escala global da luta de classe. Williams (1982a, p. 80) compreendia que uma “contribuição socialista específica”, que demonstrasse que as relações de classe e os modos de produção configuram o elo entre o tear manual e o míssil industrial, era prioritária para complementar o conceito de Thompson. A seu ver, haveria três premissas necessárias para inserir a política do desarmamento nuclear em uma luta concreta contra as desumanas estruturas econômicas, sociais e militares próprias ao modo de produção e para encontrar uma alternativa socialista e de fortalecimento de uma política baseada na luta de classe:

1. Relações entre os conceitos de classe dominante e complexo militar-industrial, com evidentes efeitos sobre a questão de substituir a noção de exterminismo por categorias de análise socialista já existentes ou possíveis;
2. A questão do que é chamado, em alguns círculos, de “bomba socialista” ou “os mísseis da classe trabalhadora internacional”;
3. Os problemas dos vínculos entre crise econômica e militar.

Williams (1982a, p. 80) concorda com Thompson que é correto destacar que a indústria bélica, a pesquisa militar e a segurança de Estado situam-se e devem ser compreendidas no contexto das sociedades capitalistas contemporâneas. Tal complexo, continua, existiria de modo análogo – mas de forma alguma idêntico – em países como a União Soviética e a China. Nesse ponto situa-se uma de suas mais importantes críticas a Thompson: a de confundir essas diferentes formações em uma entidade única e não considerar conceitos e características mais gerais da classe dominante – por exemplo, o fato de que ela possui o monopólio ou o predomínio na ameaça e efetivação da violência – que não são uma consequência do sistema de armas nucleares. Lembra que tem sido fundamentalmente em sociedades não nucleares que Estados militarizados e de alta segurança têm se formado e assumido poder absoluto e determinante.

Mike Davis (1982a, p. 35-64) também localiza certo determinismo na noção de exterminismo e observa que o papel dos indivíduos, o próprio “agir humano”, seria negado por Thompson. Segundo Davis (1982a, p. 43), aceitando-se como irracionais a ameaça da corrida armamentista e a premissa do exterminismo, o “agir humano” seria negado e a causalidade mecânica reingressaria na história.

Thompson não teria considerado a ameaça do uso da bomba no jogo de poder e a dissuasão como ideologia (desenvolvida pelas classes dominantes) ou não teria distinguido “conjuntura e crise, (...), classes e modo de produção”. Davis (1982a, p. 63-64) sublinha que o exterminismo não é uma noção a que essas categorias pudessem ser relacionadas. Sublinha também que, naquele momento, acontece um “verdadeiro exterminismo” nos países do Terceiro Mundo, decorrente da miséria, da fome e da violência social, como também das ditaduras e guerras em muitos desses países. Para Davis, o próprio método dialético de Thompson poderia ser empregado contra suas idéias.

A resposta de Thompson (1982a, p. 329) aceita as críticas ao conceito de exterminismo. Ele admite que, em maio de 1980, um pessimismo político havia sucedido aos então recentes eventos mundiais, como a crise do petróleo, as guerras no Oriente Médio e em países em desenvolvimento, a invasão soviética do Afeganistão e o programa de “modernização” da OTAN, e que essa situação teria influenciado seu próprio “pessimismo intelectual”, refletindo-se em suas análises e nas perspectivas apresentadas. Thompson (1982a, p. 330) reconhece que aspectos de seu texto traduzam algum determinismo, em especial em relação à idéia de que “os sistemas de armamentos rivais, por si mesmos e por sua lógica recíproca, devem levar-nos ao extermínio”. Reconhece também que foi um erro o uso da sugestiva imagem de Marx sobre a indústria manual e a indústria a vapor e estabelecido relação entre o processo de industrialização e a indústria militar e o armamentismo. Entretanto, se a exposição de sua análise foi equivocada, Thompson (1982a, p. 330) mantinha o núcleo de seu argumento:

As *Notas* não se limitavam a sugerir [esses pontos]: já havia, no apelo inicial da END, [uma] estratégia de resistência e meu ensaio concluía com [essas] alternativas (...). Não quero abandonar a categoria de “exterminismo” sem [...] defesa. O que importa é o problema (apontado). (Permanece) alguma coisa no movimento de inércia e na lógica recíproca dos sistemas de armamentos rivais – e na configuração de interesses materiais, políticos, ideológicos e de segurança que os acompanha –, que não se pode explicar atendo-se às categorias de “imperialismo” ou de “luta de classes internacional”.

Para Thompson, a “tecnologia do apocalipse” oferece sua própria previsibilidade: o extermínio da civilização no hemisfério norte. A partir dessas colocações, Thompson insiste na formação de uma nova consciência e um conjunto de estratégias e táticas que configure uma proposta antiexterminista.

A questão da luta de classe permanece fundamental, mas o imperativo agora é o da salvação da própria *humanidade*, i.e., com o exterminismo a causa se redefine. Nesse sentido, as noções convencionais de luta de classe não respondiam à urgência da situação, que exigia novas definições, como a de exterminismo. A seu ver (1982a, p. 332-338), as interpretações tradicionais sobre o

imperialismo e a luta de classe não poderiam ser negadas, mas seriam insuficientes para pensar o novo contexto, suas tendências e dinâmica:

Se necessitamos de uma categoria nova para definir essa época específica de história (de conflito e de confrontação nuclear) (...), isso não significa que se prescindam de todas as categorias anteriores ou que deixem de funcionar todas as forças históricas anteriores. (...) Imperialismos e lutas de classe, nacionalismos e conflitos entre públicos e burocracias, todos continuarão a funcionar com seu vigor de costume; pode ser que continuem a dominar esse ou aquele episódio histórico. Significará, antes de tudo, que uma figura nova, sem fisionomia e ameaçadora, tenha se unido às *dramatis personae* da história; uma figura que projeta uma sombra mais brusca e escura que qualquer outra. (Grifo no original)

Se as premissas do exterminismo eram problemáticas, as questões propostas continuavam relevantes. A irracionalidade do processo era e permanecia o problema central. Se os processos internos em cada bloco operavam de modo distinto, a tendência permanecia, a de uma dinâmica de guerra que se auto-reproduzia indefinidamente.

A luta contra o sistema da guerra fria, na opinião de Thompson, havia consolidado uma base com a campanha da END. Porém, essa estratégia pan-européia requeria, ainda, uma ampla ação popular e a manutenção de suas atividades pelo menos até que se formasse um novo discurso político entre os dois blocos antagônicos. O neutralismo e o não-alinhamento poderiam constituir táticas adequadas para os socialistas, juntando-se a outros movimentos de libertação e de luta antiimperialista. Essa posição também reafirmava a necessidade de um internacionalismo antiexterminista mais abrangente, de modo a reforçar uma estratégia que viabilizasse as frentes populares em todo o mundo. A nova agenda internacionalista supunha uma recusa inequívoca da ideologia dos dois blocos, negando qualquer compromisso com os ideólogos do exterminismo, e a estratégia deveria ser orientada em ambos os lados da “cortina de ferro”. A proposta de Thompson (1982a, p. 29), de uma luta-no-contexto, agora representa um “imperativo humano e ecológico” e exige um internacionalismo antiexterminista.

Em seu artigo de 1991, “Ends and Histories”, Thompson realiza uma revisão da categoria exterminismo (suas determinações e conseqüências) e de seu envolvimento na constituição de uma “Terceira Via” política, a organização dos principais movimentos pacifistas britânicos (CND, END) e de sua reunião e articulação a outros movimentos pacifistas internacionais. As propostas dessa Terceira Via defendiam o internacionalismo – hegemonicamente de caráter socialista – e a solidariedade subjacente a esses movimentos.

Referências

- DAVIS, Mike (1982a), in THOMPSON, E. P. (ed) (1982a). Exterminism and Cold War. London: Verso/New Left Books.
- KALDOR, Mary (ed.). Europe From Below. London: Verso, 1991.
- KAYE, Harvey e McCLELLAND, Keith (ed). E. P. Thompson: Critical Perspectives. Cambridge: Polity Press & Oxford: Blackwell, 1990.
- MORAES, Maria Célia M. e MÜLLER, Ricardo G.. E. P. Thompson e a pesquisa em ciências sociais. 31º Encontro Anual da ANPOCS, GT 22: Marxismo e Ciências Sociais. Caxambu/MG, 2007.
- SHAW, M. (1990, p. 233-251), "From Total War to Democratic Peace: Exterminism and Historical Pacifism", in KAYE, H. e McCLELLAND, K. (ed) (1990).
- THOMPSON, E. P. et al. (ed). Out of Apathy. London: New Left Books/Stevens, 1960.
- THOMPSON, E. P.. The Poverty of Theory and Other Essays. London: Merlin, 1978.
- THOMPSON, E. P.. Writing by Candlelight. London: Merlin, 1980.
- THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed). Protest and Survive. Nottingham: CND, 1980a.
- THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed). Protest and Survive. Harmondsworth: Penguin, 1980b.
- THOMPSON, E. P. Beyond the Cold War. Pamphlet. London: Merlin & END, 1982.
- THOMPSON, E. P. (ed) (1982a). Exterminism and Cold War. London: Verso/New Left Books.
- THOMPSON, E. P. (ed). "Exterminism Reviewed", in Exterminism and Cold War. London: Verso/New Left Books, 1982a.
- THOMPSON, E. P. The Heavy Dancers. London: Merlin, 1985.
- THOMPSON, E. P. (1991). "Ends and Histories", in KALDOR, Mary (ed.) (1991). Europe From Below. London: Verso, p. 7-25.
- WILLIAMS, Raymond (1982a), in THOMPSON, E. P. (ed) (1982a). Exterminism and Cold War. London: Verso/New Left Books.